

## *O Islã em movimento: comunidades muçulmanas na Serra Gaúcha*

Cristine Fortes Lia <sup>1</sup>  
Jéssica Pereira da Costa <sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.60208>

**Resumo:** O sul do Brasil recebeu, nas primeiras décadas do século XXI, um expressivo número de migrantes muçulmanos. Neste contexto, a Serra Gaúcha acolheu membros pertencentes a duas comunidades ligadas ao Islã: os senegaleses e os turcos. Esses indivíduos constituíram laços com a cultura local e promoveram diálogos inter-religiosos. Este estudo se dedica a analisar a experiência religiosa desses migrantes, com enfoque nas estratégias desenvolvidas por cada grupo para garantir a sobrevivência das suas práticas de fé na região, em especial, na cidade de Caxias do Sul, marcada por uma cultura tradicionalmente católica. A metodologia utilizada é a História Oral, por meio da qual são constituídas formas de escuta para as trajetórias migrantes muçulmanas.

**Palavras-chave:** Islã; Migrações; Senegaleses; Turcos; Religiões.

### **Islam on the move: Muslim communities in the Serra Gaúcha**

**Abstract:** The south of Brazil received, in the first decades of the 21st century, an expressive number of Muslim migrants. In this context, the Serra Gaúcha hosted two communities linked to Islam: the Senegalese and the Turks. These individuals formed ties with the local culture and promoted interfaith dialogues. This study is dedicated to analyzing the religious experience of these migrants, focusing on the strategies developed by each group to ensure the survival of their faith practices in the region, especially in the city of Caxias do Sul, marked by a traditionally Catholic culture. The methodology used is Oral History, through which ways of listening to Muslim migrant trajectories are constituted.

**Keywords:** Islam; Migrations; Senegalese; Turks; Religions.

<sup>1</sup> Doutora em História – PUCRS. Professora e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Pesquisadora do Instituto Religare. E-mail: cflia@ucs.br

<sup>2</sup> Doutoranda em História – UCS. Mestre em História – UCS. Professora da Rede Estadual e Municipal de Ensino de Farroupilha. Pesquisadora do Instituto Religare. E-mail: jpcosta1@ucs.br

## Islam en movimiento: comunidades musulmanas en la Sierra Gaucha

**Resumen:** El sur de Brasil recibió, en las primeras décadas del siglo XXI, un importante número de inmigrantes musulmanes. En este contexto, la región de la Sierra Gaúcha acogió a dos comunidades vinculadas al Islam: los senegaleses y los turcos. Estas personas han establecido vínculos con la cultura local y han promovido el diálogo interreligioso. Este estudio se dedica a analizar la experiencia religiosa de estos migrantes, centrándose en las estrategias desarrolladas por cada grupo para asegurar la supervivencia de sus prácticas de fe en la región, especialmente en la ciudad de Caxias do Sul, marcada por una cultura tradicionalmente católica. La metodología utilizada es la Historia Oral, a través de la cual se constituyen formas de escucha de las trayectorias de los migrantes musulmanes.

**Palabras clave:** Islam; Migraciones; Senegaleses; Turcos; Religiones.

*Recebido em 20/07/2021 - Aprovado em 14/08/2021*

### Considerações iniciais

O século XXI está associado à ideia de movimento. As sociedades se transformam e se reinventam em ritmo acelerado. As informações são transmitidas de forma rápida e, aparentemente, estamos conectados em nível mundial. Mas, a informação recebida, por mais abrangente que seja, nem sempre permite o entendimento de outras culturas. O conhecimento, que promove o respeito, sobre a existência do “outro” ainda esbarra na manutenção das tradições de pertencimento.

Uma das características do século XXI é a mobilidade humana. “As migrações internacionais, segundo dados da OIM – Organização Internacional para as Migrações, compreendem mais de 3% da humanidade, considerando somente as pessoas que vivem fora do país onde nasceram [...]” (DURAND; LUSSI, 2015, p. 43). Deslocar-se significa mais do que ultrapassar uma fronteira, do que se inserir em um novo território. Significa, primordialmente, ser reconhecido como integrante de uma nova dimensão cultural. As novas teorias sobre estudos das migrações romperam com a visão de que deslocamentos humanos estão necessariamente vinculados a oportunidades de trabalho (DURAND; LUSSI, 2015). Assim, quem se desloca, busca se integrar a uma nova sociedade.

A integração parte da ideia do reconhecimento e do pertencimento. As questões religiosas afloram como elemento de negociação de identidade dos migrantes. As religiões

tradicionais<sup>3</sup> tendem a se tornar cada vez mais transnacionais. E, dentro desse contexto, os muçulmanos correspondem a um número expressivo de pessoas em deslocamento<sup>4</sup> (JUBILUT, 2007). Em função de conflitos bélicos e/ou políticos em países de origem, bem como, de perseguições religiosas ou necessidades laborais, os fiéis ao Islã consolidam comunidades em diferentes países.

A transnacionalização religiosa é algo que faz parte da cultura muçulmana. Os conceitos sobre o Islã<sup>5</sup> definem essa relação da religião com o local que a acolhe. Assim, Islã significa a religião e Islamismo a combinação das orientações religiosas com as práticas políticas (ou nacionais) dos locais que as acolhem. Para compreender a dinâmica do mundo muçulmano, é necessário o entendimento da complexidade desses conceitos e distinguir que expressões identificadas como sinônimos definem comportamentos específicos.

O Islã se define por meio de pilares da fé e das leis religiosas expressas no Alcorão. O Islamismo<sup>6</sup> é explicado pelas práticas religiosas associadas às intenções

---

<sup>3</sup> Por religiões tradicionais, se compreende o conceito das vertentes religiosas monoteístas, consideradas “adequadas” ao conceito por possuírem mito criador, Deus único e livro sagrado, de forma a comporem uma teologia explicativa de sua doutrina do sagrado (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005). Observa-se que também são consideradas religiões, pelos autores desse estudo, as demais manifestações religiosas, mas será mantido o conceito acadêmico para a análise do Islã.

<sup>4</sup> Como evidenciam Durand e Lussi (2015), as definições sobre os conceitos de migrantes e pessoas em deslocamento precisam ser permanentemente analisadas. O termo “migrante” evidencia um indivíduo que se estabelece em uma determinada sociedade, na qual possivelmente permanecerá. Já os “deslocados” estão, muitas vezes, em situações de espera por um possível retorno à região de origem ou se manterão em deslocamento por características culturais. Entretanto, esses termos ainda merecem mais atenção da academia. Nesse estudo, optou-se por utilizar a expressão “migrantes” para os senegaleses e os turcos, independentemente do caráter transitório de sua permanência na região estudada.

<sup>5</sup> É importante destacar que outros países de língua portuguesa, como Portugal, usam a expressão “Islão”, ao invés do “Islã”. Já em países da América Latina, da América do Norte e da Europa, é comum o uso da palavra “Islam” para nomear a religião. Nas citações diretas, preservou-se a grafia encontrada na obra original. Neste estudo a palavra Islã aparece grafada com a inicial maiúscula por ser a forma como as comunidades muçulmanas a escrevem. Como a pesquisa objetiva consolidar estratégias de escuta para as vozes muçulmanas em Caxias do Sul, optou-se por manter a grafia que “dá sentido” ao termo para o grupo analisado. Busca-se, assim, em diálogo com as reflexões de Durval Muniz Albuquerque Júnior (2019), evitar a opressão acadêmica e letrada sobre as manifestações orais.

<sup>6</sup> Em língua portuguesa “Islamismo” é frequentemente utilizado como sinônimo de “Islã”. Esta associação é um erro conceitual grave e não deve ser feita, visto que o termo “Islamismo”, além de identificar práticas e características nacionalizadas, também designa um movimento político presente dentro de diferentes comunidades muçulmanas. O mesmo é grafado em letra maiúscula, pois é a forma como os estudos acadêmicos sobre o tema, como DEMANT (2014), KÜNG (2017) e AYOOB (2008) o fazem.

políticas e sociais de cada localidade. A multiplicidade de trajes femininos islâmicos, por exemplo, que varia em diferentes regiões, identifica essa “nacionalização” do Islã. Dessa forma, as comunidades muçulmanas que se deslocam são conscientes de que suas experiências religiosas, assumirão novas conotações em diálogo com as sociedades que as acolhem. E, o Islã que se desloca sempre traz características “nacionais” de seu local de origem. A circulação do Islamismo se dá em praticamente em todos os locais do mundo no século XXI, promovendo a transmissão de ideias religiosas do Islã e das culturas nacionais dos países de origem.

Essencial destacar que, após a morte do Profeta Muhammad em 632 a comunidade religiosa muçulmana se manteve graças a práticas rituais em comum, realizadas em comunidade. Assim, mesmo que a expansão religiosa tenha congregado diferentes culturas, com práticas distintas, estas não deixam de se reconhecerem enquanto “irmãs de fé”, pois comungam dos mesmos princípios básicos que os tornam muçulmanos e muçulmanas e o principal deles é a profissão de fé, chamada de *Shahadah* ou *Charada*, do árabe “*testemunho*”: “*Não há nenhuma divindade além de Deus e Muhammad é seu profeta*” além dos outros 4 pilares da fé.

Se a imagem de Maomé foi elaborada e transmitida aos poucos, de uma geração para outra, o mesmo se deu com a da comunidade por ele fundada. Segundo o retrato de épocas posteriores, era uma comunidade que reverenciava o Profeta e cultuava sua memória, tentando seguir os seus passos e empenhar-se no caminho do Islã para o serviço de Deus. Manteve-se unida graças aos rituais básicos de devoção, todos de aspecto comunal: os muçulmanos iam em peregrinação ao mesmo tempo, jejuavam por todo um mesmo mês e reuniam-se na prece regular, atividade que os distinguiu mais nitidamente do resto do mundo. (HOURANI, 2006. p.40)

Os grupos acolhidos nesse estudo trazem para o sul do Brasil práticas muçulmanas com características culturais da África Central e da Turquia. Esse processo de trocas culturais na Serra Gaúcha, região que acolhe essas comunidades muçulmanas, promove alterações na cultura religiosa dos migrantes e da sociedade local. Essa transnacionalização religiosa é espontânea e pensada nesse estudo como “um processo que ocorre com fraca, ou nenhuma, relação com os aparelhos de Estado” (ORO, 2009,

p.227), pois está associada a deslocamentos humanos contemporâneos e suas demandas. Os grupos muçulmanos não recebem chancela ou legitimação institucional do Estado para existirem. Suas experiências “repousam nas relações pessoais, mais do que nos vínculos institucionais” (ORO, 2009, p. 236). Buscam na incorporação de valores culturais locais as formas de expressarem suas práticas religiosas.

Suas estratégias de circulação religiosa compreendem a associação a outros grupos de muçulmanos e da aproximação cultural com a religião local, no caso da Serra Gaúcha, o catolicismo. Essa transnacionalização não é unidirecional, já que as trocas religiosas acontecem tanto em colaboração com os cristãos como com outros Islamismos já fixados na região. Uma identidade religiosa transnacional é inevitavelmente constituída, o que, no caso do Islã, é algo natural. Mas, é relevante considerar que a identidade nacional religiosa permanece como evidência de pertencimento a cultura religiosa do local de origem. O que permite observar o mesmo processo identificado por Oro (2009) ao analisar a transnacionalização do pentecostalismo brasileiro para o Uruguai e a Argentina, concluindo que,

observa-se, assim, nos eventos religiosos transnacionais, uma sobreposição das identidades nacionais às identidades religiosas transnacionais, fato este que não ocorre sem alguma tensão, uma vez que tende a evocar e fazer aflorar representações mútuas, historicamente construídas (ORO, 2009, p. 238)

Esse estudo se dedica a compreensão das comunidades muçulmanas estabelecidas em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, durante as primeiras décadas do século XXI. Destacam-se as comunidades senegalesas e turcas, que correspondem a grupos que buscam visibilidade na região e professam práticas islâmicas relativamente distintas, apesar de serem todos muçulmanos. Busca-se compreender como é ser muçulmano em uma região tradicionalmente católica, abordando as relações estabelecidas com a sociedade local e com os demais grupos muçulmanos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Esse artigo não se dedica à análise do fenômeno migratório de senegaleses e turcos para a Serra Gaúcha. A abordagem aqui apresentada tem como enfoque o diálogo inter-religioso estabelecido entre as comunidades muçulmanas e a sociedade local. Sobre o processo migratório destaca-se os trabalhos de TEDESCO (2019), WENCZENOVICZ (2016) e HERÉDIA (2015). Assim, a contribuição desse estudo se concentra em evidenciar as expressões religiosas muçulmanas, ainda pouco enfocadas pela historiografia da imigração, dos migrantes na Serra Gaúcha.

Essa pesquisa utiliza a História Oral como meio de potencializar o papel de sujeito histórico e narrador de sua própria história para os membros da comunidade. As entrevistas realizadas buscam evidenciar as experiências religiosas dos entrevistados, bem como as relações estabelecidas com o pensamento religioso local. Assim, é utilizada a História Oral Temática (ALBERTI, 2005), já que a conversa acontece por meio de um tema estabelecido pelos pesquisadores, que consiste nas possibilidades de “ser muçulmano” em uma região marcada pelo catolicismo.

A história desse estudo está diretamente ligada às demandas nascidas nas próprias comunidades migrantes, que se aproximaram da academia com o intuito de serem protagonistas na narrativa de suas trajetórias<sup>8</sup>. Assim, compartilha-se o entendimento de Alessandro Portelli (2010), quando observa que a História Oral não se constitui como um mecanismo de “dar voz” aos sujeitos históricos, mas como uma forma de conceber estratégias para que eles sejam ouvidos e assumam o protagonismo social.

Por que buscamos fontes orais? Por que trabalhamos com elas? Não só porque as pessoas que entrevistamos possuem informações de que precisamos, que nos interessam. É mais do que isso. É porque há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação, do *scanner* ao *computer*, excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de

---

<sup>8</sup> No ano de 2017, em evento da Universidade de Caxias do Sul, um membro da comunidade senegalesa questionou a ausência dos senegaleses na construção da história dessa migração. Diante disso, o grupo de pesquisa se aproximou da referida comunidade e iniciou as entrevistas. Em 2019, membros da comunidade turca buscaram apoio na referida Instituição de Ensino Superior (IES) para projetos de promoção cultural do grupo. Uma nova parceria de pesquisa se iniciou em diálogo com o que já estava sendo construído em conjunto com os senegaleses, tendo em vista que ambas as comunidades são muçulmanas. É importante destacar a acolhida e a receptividade com a qual os pesquisadores foram recebidos nas duas comunidades.

todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente. Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. (PORTELLI, 2010, p. 03)

Desde 2018, um banco de entrevistas vem sendo constituído sobre a temática do Islã. O processo de realização das entrevistas passou por diversos momentos e continuamente é repensado. Inicialmente, alguns entrevistados não dominavam a língua portuguesa, o que gerou a demanda de um “mediador” do processo. Alguém de dentro da comunidade que legitimasse a ação dos pesquisadores e “traduzisse” os questionamentos. Esses mediadores<sup>9</sup> também se responsabilizavam pela colaboração na cessão de direitos para reprodução das entrevistas e indicavam possíveis depoentes<sup>10</sup>.

Um “relacionamento” com as comunidades para além do momento das entrevistas também foi estabelecido, pois diante de uma realidade cultural tão distinta da experiência dos pesquisadores, se consolida a necessidade de compreender esses atores sociais, para melhor estabelecer questionamentos<sup>11</sup>. Da mesma forma, a compreensão

---

<sup>9</sup> Agradece-se aos imigrantes senegaleses Abdoulahat Mdiaye e Demba Sokhna e a imigrante turca Melek Ozorpak pelas suas respectivas contribuições como mediadores desse estudo.

<sup>10</sup> A aproximação junto à comunidade muçulmana senegalesa foi um processo lento. Em geral, eles são imigrantes africanos, muçulmanos e indesejados por parte da sociedade local. Sem a ação dos mediadores, não seria possível a realização das entrevistas, em especial com as mulheres. As pesquisadoras envolvidas no projeto são todas mulheres, o que permite um diálogo mais informal com as famílias migrantes, já que as senegalesas muçulmanas aparentam se sentir mais respeitadas sendo entrevistadas por mulheres.

<sup>11</sup> Esse processo de convivência com as comunidades corresponde à metodologia da Observação Participativa utilizada na pesquisa. Para este artigo, não serão utilizados dados obtidos por meio dessas observações dos pesquisadores.

sobre o Islã precisa nortear os entrevistadores para impedir formulações que possam soar ofensivas. Não é possível mergulhar em uma experiência cultural por meio da entrevista e, no encerramento dessa experiência, eximir-se da complexidade desse contato. “Logo, não há técnicas de entrevista, mas éticas na entrevista: respeito, paciência, flexibilidade, paixão autêntica de conhecer os outros e de estar com eles em uma história compartilhada, como dizia Ernesto De Martino” (PORTELLI, 2010, p. 06).

A pandemia de COVID-19 impactou profundamente a rotina dessa pesquisa. As entrevistas, antes realizadas em espaços de sociabilidade ou de vida doméstica dos entrevistados, passaram a acontecer via *Google Meet*. O que comprometeu a relação entre pesquisadores e migrantes, já que a gravação via *Meet* não constitui um espaço de confiança para o entrevistado<sup>12</sup> e, ainda, não permitiu que algumas pessoas fossem acolhidas nessas entrevistas<sup>13</sup>. Por outro lado, permitiu que uma nova abordagem do processo de deslocamento para a Serra Gaúcha fosse analisado: como os migrantes fiéis ao Islã desenvolveram estratégias para sobreviver à pandemia e manter sua vida comunitária e religiosa

### ***O Islã e seus significados***

Em árabe, a palavra “Islã” significa literalmente “submissão” a Deus. Esse termo designa a religião de cerca de 1,6 bilhões de pessoas no mundo, ou seja, um quinto da humanidade professa essa religião monoteísta que surgiu no século VII, na Península Arábica, originando-se da revelação, segundo a crença, dada pelo anjo Gabriel ao Profeta Muhammad<sup>14</sup> (570-632). A mensagem de Deus era clara ao último profeta: Recita! E, durante a vida do profeta, mas especialmente posterior a sua morte, o Islã tem sua História marcada pela expansão territorial e pela congregação de diferentes povos sob a

---

<sup>12</sup> Os migrantes, em especial os senegaleses, sempre optaram por conceder as entrevistas mais longas, isto é, aquelas com gravação de áudio e imagem, em seus espaços “próprios”, ou seja, suas residências ou suas empresas. Esses lugares permitiam aos entrevistados tranquilidade, pois contavam com o apoio das famílias e das referências afetivas. Para os pesquisadores, essa “condição” permitia uma aproximação das emoções e silêncios dos depoentes.

<sup>13</sup> As dificuldades de acesso e de compreensão das tecnologias de comunicação e as limitações de domínio da língua portuguesa afastaram alguns membros das comunidades das entrevistas.

<sup>14</sup> Existem várias grafias para o nome do profeta: “Muhamed”, “Muamed”, “Mohamed”, “Mohamed”, “Mohamad”, “Mohamad”, entre outras. Para este estudo, usar-se-á “Muhammad”, por ser essa a grafia apresentada na tradução do Corão feita pelo Dr. Helmi Nasr, professor de estudos árabes e islâmicos da Universidade de São Paulo, em parceria com *Kuwait anqaf public foundation* e a *Society of the Revival of Islamic Heritage*. Contudo, nas citações diretas, será preservada a grafia encontrada na fonte original. É comum que, em português, o nome do profeta seja traduzido para “Maomé”, mas os seguidores da Religião, geralmente, condenam esse tipo de adaptação.

mesma fé. Embora a religião tenha nascido na Península Arábica, hoje a maioria dos muçulmanos do mundo não são árabes.

O Islã se constitui como uma religião na qual a vivência da fé se dá através de práticas públicas e identificadoras do “ser muçulmano”. Essas características ficam evidentes no modo de vestir e na organização das orações diárias (*Salat*) que se distribuem ao longo do dia e exigem, não apenas a oração em si, mas todo um ritual de purificação através da lavagem de partes específicas do corpo em água corrente, movimentos corpóreos pré-determinados durante a oração, que devem ser feitos em um tapete, com o corpo voltado para a *Caaba*<sup>15</sup>, em Meca, além de um conjunto de práticas que devem ser feitas em comunidade, como as festas religiosas, como é o caso do *Ramadan*.<sup>16</sup>

Além dos hábitos religiosos que fazem parte do cotidiano de todo muçulmano e que constituem a sua identidade religiosa, um dos princípios fundamentais para o Islã é a constituição da *ummah* (comunidade). Uma noção criada e difundida pelo profeta Muhammad de que todos os muçulmanos fazem parte de uma mesma comunidade, portanto, devem compartilhar atitudes de apoio e solidariedade mútuas. Esse conceito explica, em parte, o reconhecimento recíproco que existe entre as diferentes comunidades muçulmanas, mesmo que adotem valores, práticas e rituais por vezes discordantes, dependendo da vertente religiosa. Em virtude deste quadro distintivo de constituições religiosas, é essencial considerar a forma como a cidade na qual as comunidades estão inseridas é capaz de influenciar, alterar, corromper, modificar e, até mesmo, convergir à práxis religiosa das diversas comunidades muçulmanas.

Os muçulmanos se apresentam como maioria da população em países que vão do norte do continente africano até regiões da Ásia, como a Turquia e a Indonésia, passando pelo Oriente Médio e pela Índia, e constituem minorias relevantes em outras regiões do mundo, como é o caso da Europa e do Brasil, com presença muçulmana desde

---

<sup>15</sup> Santuário de granito, em forma de cubo, localizado em Meca. É um dos lugares considerados sagrados para os muçulmanos. Para maiores informações, consultar: COSTA, Jéssica Pereira da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos**: vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos. Caxias do Sul: EDUCS, 2020. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/o-islã-os-muçulmanos-e-seus-conceitos-vocabulario-de-conceitos-para-o-estudo-do-islã-e-dos-muçulmanos/>. Acesso em 15 jul. 2021

<sup>16</sup> Acontece no nono mês do calendário muçulmano, é uma prática considerada sagrada e nele deve-se realizar o ritual de jejum (“*sawm*”), ou seja, não consumir alimentos do nascer ao pôr do sol. Faz parte dos cinco pilares da religião. Para maiores informações, consultar: COSTA, Jéssica Pereira da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos**: vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos. Caxias do Sul: EDUCS, 2020. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/o-islã-os-muçulmanos-e-seus-conceitos-vocabulario-de-conceitos-para-o-estudo-do-islã-e-dos-muçulmanos/>. Acesso em 15 jul. 2021

o período Imperial. No cerne desta religião sempre esteve a vocação para a conversão. O Islã constituiu-se como uma religião de expansão, por meio de manifestações públicas e notórias de fé e das práticas religiosas. Segundo Demant (2014), o processo de expansão muçulmana pelo mundo não pode ser explicado de forma linear e homogênea, visto que ao longo de mais de 14 séculos de existência, o Islã se espalhou por todos os continentes, encontrando inúmeras sociedades com condições e contextos socioculturais absolutamente singulares. Assim “há contrastes não apenas nas formas visíveis, rituais e sociais, mas até no núcleo das crenças e na maneira de aplicá-las à sociedade” (DEMANT, 2014, p. 14).

Em algumas regiões, o Islã chegou através da conquista militar e levou consigo toda a sua estrutura burocrática e administrativa, como foi o caso do Egito. Em outros locais, a religião chegou através das rotas comerciais e do contato das elites governamentais com os mercadores do lucrativo comércio transaariano. Nestas regiões, a conversão ocorreu, em geral, por *status* econômico e social, e o Islã passou a conviver com as práticas espirituais já existentes e que foram mantidas pela parcela da população que não estava no poder, como é o caso do Senegal (MEREDITH, 2017).

Embora exista uma visão cristalizada sobre o “ser muçulmano”, existem importantes e profundas diferenças entre as experiências religiosas desenvolvidas a partir do Islã nas mais diversas áreas do globo, aspectos culturais e históricos definem tradições e práticas ritualísticas diferenciadas. Por exemplo, a forma como uma jovem turca da Istambul de 2021 vive a sua experiência religiosa não é a mesma experienciada por uma jovem senegalesa no mesmo ano, ou mesmo por uma jovem descendente de libaneses que nasceu e cresceu no Brasil. Essas variações são ainda maiores quando pensamos em comunidades em trânsito, ou seja, que deixam suas comunidades originárias e migram para outros países, experimentando as alterações provocadas pelas relações que estabelecem com a nova cultura.

O ponto em comum entre essas três tradições distintas, mencionadas no exemplo anterior, é apenas um: o Islã. Contudo, cada uma vivência, prática e experiência a mesma religião de formas distintas. Estas distinções podem ser entendidas e explicadas a partir da análise das formas profundas e complexas com as quais o Islã estabeleceu relações com os povos com os quais teve contato desde a sua fundação, durante a Idade Média. Devido ao paralelo existente entre a religião e as várias comunidades muçulmanas que a compõe, faz-se necessário discutir e elucidar conceitos históricos essenciais para que se possa compreender o estudo de sua história e de suas comunidades, independente do recorte espacial e/ou temporal que se proponha.

Existe uma enorme deficiência conceitual quando se aborda esta temática (DEMANT, 2014). Um dos primeiros pontos a esclarecer é o fato de que o termo

“muçulmano”, que em árabe significa “aquele que se submete de forma voluntária a Deus” (visto que a palavra “Islã” quer dizer “submissão” a Deus), assim, muçulmano/muçulmana é aquele/aquela que vive a religião. Segundo Demant (2014), “o termo muçulmano refere-se a um fenômeno sociológico, enquanto que islâmico diz respeito especificamente à religião” (DEMAN, 2014, p. 14). Também é relevante mencionar que o termo “árabe” designa um povo específico, com origem no Oriente Médio e falante da língua árabe, assim, o termo “árabe” tem haver com questões geográficas e culturais, enquanto que “muçulmano” é aquele que pratica a religião, com nacionalidades, origens e línguas variadas.

A confusão conceitual explica-se pelo fato de o Islã ter surgido na Península Arábica e a língua considerada sagrada, ou seja, a língua na qual se acredita que o Alcorão foi revelado, era o árabe. Por conta disso, as orações permanecem sendo realizadas na língua do profeta. Além disso, é relevante considerar que as singularidades presentes no Islã contribuem para a miscelânea de definições, visto que o Islã tem o intuito de se apresentar em totalidade na experiência cotidiana dos fiéis, sendo mais do que um conjunto de crenças e dogmas é “algo que influencia e determina (ou pelo menos pretende determinar) toda a vida social e mesmo as esferas da economia, da política e das relações internacionais” (DEMAN, 2014, p. 14).

Apesar disso, não se pode perder de vista que existem importantes e numerosas comunidades muçulmanas não árabes, como é o caso dos turcos, dos curdos, dos indonésios e dos norte-africanos, como os senegaleses. Além do fato de que o Islã é a religião que mais cresce em número de fiéis no mundo e que isso se dá através da conversão<sup>17</sup> em regiões de maioria não árabe. Diante dessas diferenças conceituais primordiais, pode-se ter uma noção sobre o complexo mosaico de povos, culturas e tradições que compõe aquilo que se convencionou chamar de Mundo Muçulmano, seja em sua origem, ao longo dos seus 14 séculos de existência até o século XXI, seja em seu tempo presente. A amplitude do assunto não permite análises levianas, generalistas ou reducionistas e todo o estudo apresentado se caracteriza como um recorte que prescinde da indicação espacial, temporal e cultural a qual se pretende analisar.

---

<sup>17</sup> Os membros de algumas comunidades muçulmanas no Brasil referem-se aos convertidos, não nascidos muçulmanos, como “revertidos”, ou seja, partem da ideia de que todos nascem muçulmanos e desviam-se da fé verdadeira. Logo, ao voltarem para a religião, fariam a reversão. Contudo, entre os estudiosos da religião e parte dos juristas islâmicos, esse conceito ainda está em discussão.

## ***Os muçulmanos que chegam ao sul do Brasil***

De acordo com Pinto (2005), o Islã conta atualmente com mais de um milhão de fiéis no Brasil, grupo formado a partir de processos migratórios e pela conversão de brasileiros. O autor destaca que existem diferenças culturais e sociológicas marcantes em cada comunidade muçulmana que se desenvolveu no Brasil. Seus estudos estão concentrados naquelas comunidades formadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Paraná.

O Islã no Brasil tem sido construído com particularidades religiosas interessantes devido às características migracionais e a forma de universalização da religião utilizada pelos diferentes grupos instaurados no Brasil. No caso particular de Caxias do Sul, observa-se que a cidade gaúcha abriga três comunidades muçulmanas de origens distintas: uma comunidade muçulmana de origem palestina<sup>18</sup> (que chegou à cidade nas décadas finais do século XX), uma comunidade muçulmana senegalesa e, a mais recente das três, uma comunidade muçulmana turca.

Caxias do Sul é uma cidade que construiu sua identidade a partir da lógica de valorização do imigrante italiano, como figura representativa e valorosa dos ideais da fé católica, do trabalho<sup>19</sup> e da construção imagética de uma comunidade que, do nada absoluto, deu origem a uma grande metrópole industrial através do esforço e da perseverança. Segundo Lia e Costa (2016), a imagem que a cidade gaúcha construiu de si mesma e propaga não corresponde aos processos migratórios identificados desde a metade do século XX, que vêm trazendo para a cidade novos modelos de migrantes que destoam do ideário construído. A cidade de Caxias do Sul, na serra do Rio Grande do Sul, constituiu uma identidade focada no catolicismo. No entanto, os dados do Censo Religioso de 2010<sup>20</sup> evidenciam que a localidade é constituída por uma pluralidade religiosa, sendo, inclusive, um dos municípios brasileiros com o maior número de praticantes de religiões afro-brasileiras. Em particular, as comunidades senegalesas e

---

<sup>18</sup> Como já foi observado anteriormente, a comunidade palestina não será tratada nesse estudo, por não se constituir como grupo em deslocamento no século XXI e por não estabelecer diálogo com as outras comunidades. Sobre os palestinos em Caxias do Sul, *vide* o artigo LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. Imigrantes senegaleses: a presença muçulmana na serra gaúcha. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 155, p. 185-209, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/86564/51342>. Acesso em 18 jul. 2021.

<sup>19</sup> A referência presente aqui evoca um dos *slogans* adotados pela administração municipal da cidade, na gestão de 2013 a 2016: “Prefeitura de Caxias do Sul, da fé e do trabalho!”. A administração utilizava cartazes e construiu vídeos que caracterizavam a religiosidade da cidade como cristã, tendendo muitas referências e representações ao catolicismo.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 13 de maio 2021.

turcas não correspondem ao projeto formador da cidade pela fé que professam e, no caso particular dos senegaleses, o grupo ainda sofre com o racismo.

Os movimentos migratórios que caracterizaram o estabelecimento da comunidade muçulmana em Caxias do Sul estão inseridos nos processos migratórios do século XXI. A comunidade senegalesa se fixou na cidade por volta do ano de 2010. Foi formada inicialmente por uma maioria masculina, que migrou de forma não linear do Senegal para a América Latina e para o Brasil, passando por outros territórios e vindo a fixar-se na cidade de Caxias do Sul em busca de trabalho e condições de vida adequadas<sup>21</sup>. Nos relatos dos senegaleses, é comum encontrar narrativas que mencionam que eles passaram por outros estados ou outros países, antes de se fixarem na cidade. Muitos relatos revelam a intenção dos entrevistados se manterem em deslocamento. De acordo com a entrevista de Abdoulahat Mdiaye<sup>22</sup>, conhecido na cidade como Billi, todos os milhares de senegaleses que se fixaram na cidade são muçulmanos. Já a comunidade turca, a mais recente na cidade, estabeleceu-se nela por volta de 2018 e conta dezenas de membros, todos muçulmanos, que vieram para a cidade, após passarem por outros estados brasileiros, como São Paulo. A escolha da cidade deveu-se, principalmente, pelas condições de vida oferecidas pela região.

Ao historicizar o processo de islamização pelo qual passaram Turquia<sup>23</sup> e Senegal<sup>24</sup> é possível entender os motivos que levaram ao desenvolvimento de diferenças

---

<sup>21</sup> Sobre o processo de imigração senegalesa para a região da Serra Gaúcha existem os já citados trabalhos de TEDESCO (2019), HERÉDIA (2015) e WENCZENOVICZ (2016). A tese de imigração laboral vem sendo revisitada pelos pesquisadores que identificam comportamentos migratórios peculiares aos senegaleses. Esse artigo dialoga com essa produção e busca contribuir na perspectiva da compreensão das relações religiosas experienciadas pelos migrantes senegaleses muçulmanos.

<sup>22</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, maio de 2018.

<sup>23</sup> Segundo Küng (2017), a Turquia, epicentro organizacional e administrativo do antigo Império Turco Otomano, sofreu um processo de islamização militarizado, com forte centralização administrativa imperial e hegemonia islâmica de vertente sunita, como religião oficial, ou seja, o Islã no Império Turco Otomano era uma Religião Estatal. Nas décadas finais do Império Turco Otomano, antes da I Guerra Mundial, o império havia vivenciado o governo de sultões reformistas que iniciaram um tímido processo de secularização no Império. Assim, após outubro de 1918, quando foi assinado o cessar fogo, a capital Istambul e as demais regiões da atual Turquia foram ocupadas por países da Tríplice Entente, especialmente os britânicos. No contexto da dissolução imperial imposta pela paz dos vencedores ao fim da I Guerra Mundial, os turcos organizaram sua resistência, liderados por Mustafá Kemal. Após lutas e resistência, Mustafá Kemal proclamou o Estado turco em abril de 1922. Ao contrário da tradição de governo do sultanato, Kemal acreditava na secularização do governo e tinha influências de ideias políticas Ocidentais. O Estado turco retirou o poder das lideranças religiosas locais, os ulemás, e institucionalizou reformas nas práticas religiosas. Alguns hábitos, como o uso do véu islâmico pelas mulheres muçulmanas, foram abolidos em espaços públicos. Além disso, o consumo do álcool foi permitido em toda Turquia, e optou-se

profundas na forma como cada comunidade vive o Islã. Embora se reconheçam enquanto irmãos de fé e advoguem o fato de que o Islã é apenas um, retomando o princípio já mencionado da *ummah* (comunidade), quando analisarmos as comunidades senegalesa<sup>25</sup> e turca em Caxias do Sul, ficam evidentes as diferenças.

pelo sistema de medição Ocidental do tempo, de pesos e medidas, por exemplo. Uma lei de 1928 substituiu a escrita árabe pela latina. A religião se tornou um assunto do âmbito privado e o nacionalismo foi incentivado. Ser turco era mais relevante do que ser muçulmano. A comunidade muçulmana turca do século XXI é atravessada por contextos históricos e culturais que moldaram suas práticas e percepções acerca da Religião e do que compete ao se entender enquanto muçulmano. Desde a forma institucionalizada como o Islã foi implantado e difundido na época do Império, seja através do processo de secularização de cunho Ocidental que a Turquia viveu ao final da I Guerra Mundial, somados à estrutura política, social e cultural atual, definem características específicas destas comunidades que são atravessadas também pelos processos migratórios pelos quais passaram.

<sup>24</sup> O caso do Senegal faz parte do processo de islamização da África Ocidental, geralmente referenciado como reinos do Sahel (“borda do deserto”). Muito diferente da expansão muçulmana pelo Norte da África e pelo Magreb, que teve como motor principal a conquista militar que levou consigo a estrutura burocrática do califado, a chegada do Islã à região do atual Senegal ocorreu através dos comerciantes muçulmanos que desenharam rotas comerciais através do deserto do Saara. Até o século VIII, o deserto se mostrava como um grande obstáculo para o contato entre as regiões do Norte da África e o Sahel e era designado por muitos como “a borda do deserto”. Segundo Meredith (2017), o deserto também costumava ser nomeado pelos comerciantes árabes muçulmanos como “a terra dos negros”. Com a introdução das caravanas de camelos através do deserto, ele se configurou como uma das maiores vias comerciais já vistas. Com o tempo, os comerciantes muçulmanos passaram a ter relevância econômica e a ocupar cargos na administração dos Impérios do Sahel já existentes. A presença desses comerciantes muçulmanos estimulava a aprendizagem da escrita árabe para a realização dos registros necessários. Com o tempo, o Islã passou a ser adotado pelas cortes locais como forma de legitimar e ampliar seus poderes de governo perante a população sem, contudo, adotar as práticas institucionalizadas da Religião. As práticas religiosas tradicionais praticadas pelo mosaico de povos que formavam os reinos do Sahel não foram abandonadas, nem substituídas, quando o Islã chegou. O Islã foi incorporado e passou a conviver e ser incorporado ao conjunto de hábitos religiosos já existentes.

<sup>25</sup> Além de levar em consideração a forma como o Islã chegou ao território do atual Senegal e como foi absorvido e incorporado pelas comunidades que lá viviam, é preciso considerar o processo de dominação imperialista que esse território viveu a partir do final do século XIX e início do século XX, por parte do Estado francês. A relação da potência imperialista com o Islã, no caso específico do Senegal, foi inicialmente de desconfiança, mas, com o tempo, os franceses perceberam que aceitar e permitir a Irmandade Mouride era um fator essencial para manter seu domínio sobre a região e aumentar a produção do produto explorado: o amendoim (MEREDITH, 2017). Segundo Gonçalves (2020), a Irmandade Mouride é uma das irmandades muçulmanas Sufis, isto é, praticantes de um Islã Sufista. O Islã presente no Senegal na atualidade é profundamente marcado pelas irmandades muçulmanas de tradição Sufi, também chamadas de confrarias. Sua origem ocorreu por volta de 1889 e foi fundada por Amadou Bamba Mbacke, um dos principais líderes e mestres religiosos para os senegaleses muçulmanos pertencentes dessa confraria. Portanto, o Islã no Senegal, assim como em outros lugares, adquiriu características muito particulares e até opostas:

Sejam nos rituais adotados, nas festas religiosas, a exemplo das festas que homenageiam lideranças da confraria Mouride senegalesa, como a festa da *Touba*<sup>26</sup>, no modo de vestir, expressar-se, entre outros. A forma como os senegaleses homenageiam seus líderes religiosos, é visto como sinônimo de adoração por comunidades com tradições mais institucionalizadas como os turcos, pois a adoração às figuras humanas ou aos ícones é condenada pelo Islã. Bem como, os trajes utilizados pelas muçulmanas senegalesas são reprovados por comunidades mais tradicionais, pois mostram mais partes do corpo como o pescoço, os braços e os tornozelos. Ainda na questão dos trajes, é possível perceber uma relação distinta estabelecida não só entre as comunidades senegalesa e turca. No que tange ao uso do véu para cobrir os cabelos das mulheres, o preceito religioso é vivido de maneiras distintas pelas mulheres muçulmanas<sup>27</sup>.

Em comum, muçulmanas senegalesas e muçulmanas turcas afirmam que a opção por na usar o véu tem relação com os prováveis preconceitos que sofreriam e as dificuldades que encontrariam no mercado de trabalho, contudo, em festas ou eventos religiosos, identifica-se que quando utilizam do véu, este é usado de maneira distinta. Geralmente as turcas, por terem experienciado a islamização do modelo turco, utilizam o *hijab* (véu que cobre totalmente cabelos, orelhas, pescoço e parte da testa), enquanto que as muçulmanas senegalesas, por vezes optam por turbantes ou por véus mais abertos que deixam à mostra partes do pescoço e das orelhas.

Outro fator que distingue a experiência turca e que pode ser evidenciado através das vestes é que, devido ao processo de secularização que a Turquia viveu, para as

---

de um lado, aceitar um tipo específico de práticas religiosas por parte da população dominada fez com que o Estado imperialista contivesse as revoltas e mantivesse seu domínio, contudo, por outro lado, o Islã foi uma forma de manutenção da identidade do povo senegalês. Vale ressaltar que “enquanto o cristianismo era muitas vezes visto como a ‘religião do homem branco’, o islã se apresentava como uma religião africana” (MEREDITH, 2017, p. 498), logo ele se configurou em um fator de resistência simbólico e cultural, mas que teve que se desenvolver sob o domínio ocidental neocolonialista. Desta forma, ele se tornou um Islã africano com uma construção muito particular, isto é, que se originou a partir das práticas religiosas pré-existentes na antiguidade dos Impérios do Sahel, somado às particularidades da expansão muçulmana através das rotas comerciais e do posterior domínio colonial francês.

<sup>26</sup> A Festa da *Touba* é uma das celebrações mais importantes para os senegaleses muçulmanos pois homenageia o líder religioso Amadou Bamba Mbacke.

<sup>27</sup> Apesar de opções distintas com relação ao uso do “véu”, as muçulmanas não se consideram inadequadas à religião pela postura de usá-lo ou não. As orientações do Islã são de natureza geral sobre a importância da mulher não revelar “suas virtudes” em público. Os países muçulmanos criam as orientações e legislações de Estado sobre as vestes femininas islâmicas. Em processos de transnacionalização, em geral, a cultura local promove influência sobre as comunidades migrantes e ocorre uma flexibilização do uso dos trajes e do véu. No entanto, isso não promove uma fragilização da identidade religiosa. E, as mulheres permanecem se percebendo como irmãs na fé.

turcas é comum colocar o véu em determinados contextos e retirá-lo para outros<sup>28</sup>. Enquanto que tal atitude é vista com reprovação por outras comunidades muçulmanas de origem árabe, pois salientam que uma vez que a mulher decidiu pelo uso do véu, ela não pode ser vista em público (nem em fotografias), sem ele.

O objetivo de reconhecer estas diferenças entre as comunidades muçulmanas não é eleger formas corretas ou incorretas, adequadas ou inadequadas de expressar a religiosidade. É essencial destacar, que apesar das diferenças, todos são muçulmanos. Contudo, não reconhecer essas diferenças entre as comunidades, especialmente quando se impõe estereótipos e representações equivocadas sobre as mesmas, é negar-lhes sua identidade. O desconhecimento sobre o Islã por parte do Ocidente, provoca uma violência simbólica sobre estes indivíduos.

Abu-Lughod (2012) em seus estudos a partir dos discursos estadunidenses, pós 11 de setembro de 2001, problematiza o fato de que, em geral, o Ocidente tem se colocado como o “salvador dos muçulmanos oprimidos”, especialmente em relação às mulheres muçulmanas. A pesquisadora destaca que, por vezes, estudos ocidentais advogam o fato de estarem “dando voz aos muçulmanos”, quando o fato é que os muçulmanos e as muçulmanas possuem voz, elas apenas precisam ser ouvidas.

### ***Mais do que “dar voz”, é preciso ouvir os muçulmanos***

A partir de 2018, as entrevistas com a comunidade senegalesa iniciaram. Nenhum migrante senegalês negou ser entrevistado ao longo dessa pesquisa. Sempre foi observada uma empolgação em fornecer dados para a construção da história do grupo. Os entrevistados também revelaram tranquilidade em abordar suas experiências religiosas e uma disponibilidade em construir uma imagem positiva do Islã.

Para Mariama<sup>29</sup>, o Islã é vida e é paz<sup>30</sup>. Mesmo impedida de realizar suas orações ao longo do dia, ela acredita que Deus perdoa porque conhece as intenções do coração. Esse entendimento é comum aos senegaleses que, em geral, são hostilizados quando buscam praticar sua fé em espaços públicos. Nas tentativas de realizar orações em grupo, na praça principal da cidade, foram atingidos pelo olhar de reprovação dos que se deslocavam pelo local. Outra questão que chama a atenção de Mariama é a vestimenta das brasileiras: “muito pouca roupa!”

<sup>28</sup> Na Turquia, a partir das reformas impostas no início do século XX e a proibição do uso do véu islâmico em repartições públicas como Escolas e Universidades, tornou-se comum para as turcas muçulmanas, tirarem o véu para entrar na Escola ou na Universidade e colocarem de volta assim que saíssem da aula, por exemplo.

<sup>29</sup> O sobrenome de alguns entrevistados será ocultado por solicitação dos mesmos.

<sup>30</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, outubro de 2019.

Olha na verdade a gente não tô aplicando isso né, uma coisa vergonhoso, porque Islã é tudo de boa, tudo de boa, é pra gente usar véu, se proteger, sabe, mas ó a gente usa calça jeans apertado, an roupa, blusa assim com manga curta, deixa o cabelo, tudo aparecendo né. No Alcorão não é assim né, usar véu, roupa bem comprida daí, é... É assim ó, quando eu cheguei aqui primeiro é, no vestimento né. Porque tu vê, por exemplo, no inverno não tem problema, agora no verão é praticamente as pessoas saem sem roupa né, é uma saia aqui, uma bermuda, então eu olhei, mas é assim ó não foi uma surpresa para mim sabe, a gente sai e tem uma educação e a gente respeita<sup>31</sup>

Fatou<sup>32</sup> conta que não usa o véu quando busca uma vaga de trabalho. Ela acredita que as pessoas não confiam nela quando a veem com o mesmo. Cher Cheikh<sup>33</sup>, que no Senegal vestia túnicas islâmicas longas e de mangas expressivas mudou “seu estilo” no Brasil, partilhando da crença de Fatou, de que o traje islâmico gera desconfiança. É possível observar que optou por não usar a túnica islâmica durante sua campanha para vereador da cidade<sup>34</sup>.

Mesmo assim, Demba Sokhna<sup>35</sup>, proprietário de uma loja de roupas senegalesas na cidade insiste que é necessário mostrar que o Islã não é escuridão e a África é mais do que fome e doenças; o vestuário que vende é multicolorido, para “trazer alegria e paz ao coração”. O empresário também destaca a importância de desassociar o Islã do terrorismo e reflete que a moda é um instrumento importante para evidenciar que

---

<sup>31</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, outubro de 2019. Foi mantida a transcrição em acordo com a fala da entrevistada.

<sup>32</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, setembro de 2019.

<sup>33</sup> Papo Coletivo Lives Youtube: “As novas migrações em Caxias do Sul e a influência na indumentária local”. 20 de agosto de 2020.

<sup>34</sup> Nas eleições de 2020, o migrante senegalês Cher Cheikh concorreu a vereador pela cidade de Caxias do Sul. Em sua campanha foi destacada a contribuição de migrantes para o desenvolvimento da localidade. Segundo postagem no Twitter de Cheikh, ele recebeu 739 votos, ficando na quinta posição entre os candidatos de seu partido, assumindo a condição de suplente. Vide: <https://twitter.com/chercheikh>

<sup>35</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, junho de 2019.

“roupas” islâmicas não escondem terroristas, mas revelam belezas. Ele gostaria de ver mais a população local se apropriando de suas produções, “misturando” os estilos e construindo uma identidade estética para a cidade que acolhe as comunidades.

Figura 1: Material de divulgação da campanha de Cher Cheikh



Fonte: <https://twitter.com/chercheikh>

Fatou<sup>36</sup> lembra que sempre convidam os brasileiros para as suas festividades, mas o interesse não corresponde as expectativas dos senegaleses. Ela pensa que a ausência de bebidas alcoólicas (tradição muçulmana) desmotiva a participação da sociedade local. No entanto, acredita que uma inserção maior da sociedade local nas tradições muçulmanas permitiria uma compreensão melhor da religião e a diminuição do preconceito.

Quando questionados sobre as dificuldades em ser muçulmano em Caxias do Sul, a dificuldade em fazer as orações sempre ganha destaque. Fathou<sup>37</sup> menciona a falta de locais para realizar as práticas públicas da religião e as diferenças com o Senegal: “No espaço público também sempre reservado um lugarzinho pra fazer. Tem, tem mesquita né, um monte de mesquita daí pra fazer no Senegal daí”. Billi<sup>38</sup>, que também é empresário

<sup>36</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, setembro de 2019.

<sup>37</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, setembro de 2019.

<sup>38</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, maio de 2018.

em Caxias do Sul, disponibiliza um espaço em sua loja para os “irmãos” realizarem as orações, assim quem estiver por perto na hora pode entrar para fazer as abluções e se dedicar a Deus. Nos locais de trabalho as dificuldades nesse momento são significativas, pois a maior parte dos empregadores não reconhece o direito religioso de seus trabalhadores. Assim, os muçulmanos senegaleses reorganizam suas crenças na certeza do perdão divino diante da impossibilidade de cumprir com um dos pilares de sua fé.

A alimentação *halal*<sup>39</sup> também encontra seus entraves. Binetou<sup>40</sup> relata que seu filho comeu carne de porco na escola. Segundo ela foi informado à instituição que a criança é muçulmana, mas acredita que não entenderam a abrangência da informação. A comunidade senegalesa também reconhece as dificuldades de manter o *halal* no Brasil, principalmente para aqueles que se alimentam em restaurantes da cidade. Já a comunidade turca vem investindo na abrangência da alimentação *halal* para a região. Melek Ozorpak<sup>41</sup> relata que o Brasil é um grande exportador de artigos *halal*, que são facilmente disponibilizados no comércio local. Nas palavras da entrevistada, “no Brasil se encontra tudo, mas tem que buscar nas etiquetas, as vezes bem escondido”. Da mesma forma, os turcos tem promovido o desenvolvimento de alimentação adequada para os muçulmanos em Caxias do Sul, tanto pela criação de animais, como pela inauguração, em 2019, de um restaurante de comida típica, o Capadócia<sup>42</sup>.

Para evidenciar o diálogo inter-religioso, os senegaleses participam de eventos da Igreja Católica, como festividades e procissões. A imprensa local noticiou com destaque as participações de muçulmanos em eventos católicos<sup>43</sup>. Se o diálogo com a comunidade católica foi ampliado por meio dessa participação, o contato com os migrantes árabes muçulmanos foi tensionado. Segundo Billi,

---

<sup>39</sup> A alimentação *halal* consiste em um conjunto de normas alimentares que orientam a alimentação dos muçulmanos. Estas normatizações estabelecem formas de criação e abates de animais; proibições do consumo de determinados alimentos (como carne de porco, por exemplo) e de bebidas alcoólicas; técnicas de preparo, entre outros aspectos.

<sup>40</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, abril de 2018.

<sup>41</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, junho de 2021.

<sup>42</sup> <https://capadocia-culinaria-turca.goomer.app/>

<sup>43</sup> Vide as matérias do Jornal Pioneiro: Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/05/catolicos-e-muculmanos-fazem-ato-pela-paz-no-santuario-de-caravaggio-em-farroupilha-4768676.html>> Acesso em: 21 de setembro de 2020.

Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/05/senegaleses-que-chegaram-em-caxias-nessa-terca-caminham-ate-caravaggio-4768624.html>> Acesso em: 11 de setembro de 2016.

Olha o povo, o Brasil é um país recente, pode dizer, agora tipo ele são recente, é uma coisa recente, não é uma coisa antiga, não é uma coisa há muito tempo. 2008 que começaram a chegar aqui os imigrantes sabe. Então ser tudo novo assim pra eles, tipo assim, e é muito muçulmano acredita que não é muito. E tipo muçulmano Senegalês e o os árabe ali ficam um pouco diferentes [...]. Eu me lembrei que eu fui dois vezes ali na Caravaggio, sabe caminhando a Caravaggio. E eu notei que tem alguns muçulmano aqui que são árabe e são contra. Diz que a gente não pode ir lá, faz muita aaa, a não podia ir lá vocês tão apoiando e tal, mas pra mim eu volto a fazer de novo, nada ver, que a gente acredita que existe um Alá, sabe. Existe um Deus não importa com o nome que a gente pode chamar, e eu acredito que a gente pode ser várias tipos ser varias nome diferente, tipo chamado diferente, o cor, religião, tudo isso, mas ter e um coração boa, não precisa ser muçulmano ou cristão, coisa assim<sup>44</sup>.

Os migrantes turcos também promovem ações de caridade junto a Igreja Católica, em especial, por meio de distribuição de alimentos e doações. A ideia de que o Islã é caridade, jamais é negligenciada. Mas, é possível observar que essa solidariedade necessita da intervenção dos católicos para se tornar visível. Essas trocas por meio da caridade potencializam o diálogo inter-religioso, mas diminuem a autonomia das comunidades muçulmanas em evidenciar sua contribuição para a cidade.

Quando os turcos chegaram a Caxias do Sul, uma primeira experiência dos moradores da cidade junto ao Islã já tinha se consolidado por meio dos senegaleses. A comunidade turca buscou visibilidade rápida, constituindo um Centro Cultural na cidade. Desde 2019, contribuem com essa pesquisa e também promovem eventos culturais junto a Universidade de Caxias do Sul. A comunidade turca se aproximou da senegalesa e, apesar de professarem “Islãs” de correntes diferentes, essa aproximação vem promovendo muitas trocas de solidariedade.

---

<sup>44</sup>Entrevista realizada em Caxias do Sul, maio de 2018.

Figura 2: Ação solidária comunidade turca e senegalesa



Fonte: Acervo pessoal família Ozorpak

Melek Ozorpak<sup>45</sup>, que é formada em Física na Turquia e, no Brasil, atua como professora de física e de inglês, relatou que ela e sua família estão no Brasil há cerca de 17 anos, sendo 3 anos em Caxias do Sul<sup>46</sup>. Ressaltou que a comunidade turca não é muito expressiva no Brasil, a maioria dos integrantes da comunidade se concentra no estado de São Paulo. Até o presente momento, a comunidade turca brasileira conta com oito famílias em Caxias do Sul. A entrevistada faz parte de um movimento educacional chamado de Movimento Hizmet<sup>47</sup> (ou Movimento Gülen) e foi devido a ele que migrou de seu país de origem e chegou ao Brasil.

<sup>45</sup> Nesta entrevista, além de Melek, também participou Münevver Öz que, recém-chegada ao Brasil, não fala português, mas decidiu acompanhar a entrevista a convite de Melek, não só para escutar e treinar a língua, como também para poder relatar um pouco de suas experiências. A tradução foi feita pela própria entrevistada. Münevver Öz relatou que é advogada e chegou há 7 meses ao Brasil.

<sup>46</sup> Entrevista realizada pelas autoras em junho de 2021.

<sup>47</sup> Segundo o Dr. Alp Y. Aslandoğan (2009), “O chamado Movimento Gülen é um movimento da sociedade civil. Começou como um grupo de serviço comunitário composto por estudantes, professores, pais e proprietários de pequenas empresas junto ao estudioso turco e pregador Fethullah Gülen, na cidade de Izmir. Para uma referência mais fácil, agora, este grupo é chamado de Movimento Gülen, especialmente, pelos estudiosos ocidentais, por causa de sua principal fonte de inspiração. Seus participantes, no entanto, muitas vezes, o chamam Hizmet ou Serviços

Em sua fala, destacou a dificuldade que teve com a língua portuguesa ao chegar ao Brasil, já que essa língua era muito diferente da sua língua de origem e mesmo do inglês, que ela já dominava: “não sabia dizer nem um oi, amiga!”, brincou. Através deste movimento educacional, as outras famílias foram chegando e fundaram o Colégio Belo Futuro Internacional, em São Paulo. A entrevistada destaca que embora fosse uma escola mantida pelo Movimento Hizmet, poucos turcos estudavam nela. A etnia da maioria dos alunos era brasileira e eles apresentavam grande diversidade religiosa. Ela menciona que seus primeiros anos no Brasil foram trabalhando nessa escola. Ela faz a seguinte reflexão sobre as diferenças encontradas no país:

Essas escolas, tipo, [têm] judeus, cristãos, muçulmanos, ateus, tive, quando parti de São Paulo tive pessoas do Candomblé, daquelas religiões da África. É uma diversidade, o que tem que ser na verdade, né? [...] olha só, o mundo, a pandemia nos ensinaram mais uma lição, o mundo realmente virou um povoado, nós somos pequenos. Mesmo uma doença que surge de um lugar do mundo, é poder, capaz de, sabe, afetar a vida de todos do mundo, capaz de espalhar para o mundo inteiro, então para o bem também a mesma coisa. O bem também é contagioso né, aí o mal é contagioso sim, mas o bem é mais contagioso do que o mal. Então, exatamente, a vida nos ensinou isso, ninguém tem, tipo... eu sou turca né?! Ninguém tem uma cidadania só. A gente virou, ganhou uma cidadania de ser mundial. Nós somos do mundo, e acabou!<sup>48</sup>

Voluntários (Movimento). Quanto a Gülen, ele prefere se referir a ele como ‘movimento de seres humanos unidos em torno de valores humanos elevados’. O Movimento se originou no final dos anos 1960, na Turquia, como uma iniciativa (ou inspiração islâmica) baseada na fé, em torno da criação de oportunidades educacionais, na forma de bolsas de estudo, dormitórios, escolas e centros de ensino” (ASLANDOGAN, Alp. Y. Conferência Internacional dimensões de um movimento transnacional: Fethullah Gülen e Hizmet. 17 de junho de 2009. – Disponível em: <http://pt-hizmetmovement.blogspot.com.br/p/gulen-movement.html#sthash.F75cb241.dpuf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

<sup>48</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, maio de 2021.

Durante a entrevista, Melek contou que a vinda dela e da família para a cidade da serra gaúcha deu-se através do contato com outra família, que tinha negócios comerciais na cidade e carecia de ajuda com a língua. Ela revela o desejo de trazer a tradição Hizmet de fundar Escolas Internacionais na cidade, assim como em São Paulo. Também relata a vontade da comunidade residente de trazer mais pessoas para a cidade, jovens em idade universitária para estudarem, devido à facilidade da estrutura universitária da cidade. Esse projeto foi pausado pela pandemia, segundo informou.

A entrevistada mencionou que, comparada às experiências de perseguição e preconceitos, por ser muçulmana, que já sofreu em outros lugares nos quais viveu, nota a cidade de Caxias do Sul como “mais branda”. Ela indica que se sente livre para expressar sua fé, embora tenha optado por não usar o véu islâmico, por achar que isso poderia prejudicá-la em oportunidades de trabalho e por ter conhecimento de relatos de mulheres muçulmanas que sofreram algum tipo de violência em São Paulo. Afirma que não viu essas maldades nas pessoas com as quais teve contato em Caxias do Sul, mas percebeu curiosidade e que as pessoas traziam consigo uma imagem de mulher muçulmana estereotipada pela mídia. Por fim, revela que acredita que é preciso ensinar e esclarecer as dúvidas das pessoas e mostra-se aberta para essa troca.

Melek também fala sobre a educação das filhas, que inicialmente estudaram em escolas católicas em Caxias do Sul. Segundo ela sempre foi mantido o respeito às crenças das meninas e interessantes estratégias foram pensadas nos momentos de práticas específicas do catolicismo, como rezar diante de imagens. A entrevistada revela que ficou muito agradecida às instituições de ensino que aliviaram suas angústias iniciais. Lembra que a filha era ensinada sobre Jesus, mas que este é um profeta reconhecido pelo Islã, o que não invalidava o aprendizado. A questão da vida escolar é referência frequente nas entrevistas das mulheres muçulmanas. O desafio de educar no Brasil desafia essas mães, pois percebem a falta de compreensão do significado de ser uma criança muçulmana. Como foi dito anteriormente, foi em uma escola que o filho de Binetou consumiu carne de porco. Fatou<sup>49</sup> fala da preocupação com as orações na escola. Também revelam medo com perseguições e preconceitos. Mas, mantém a segurança de que seus filhos permanecerão vinculados à fé no Islã como resultado dos ensinamentos familiares.

Com a pandemia de COVID-19, as práticas comunitárias e religiosas das comunidades muçulmanas passaram por reorientações. Festividades senegalesas que ocupavam espaços públicos foram canceladas. O que sensibiliza muito as comunidades é a forma de comemorar o *Ramadan*<sup>50</sup> que precisou ser bastante alterada. Antes era um

<sup>49</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, setembro de 2019.

<sup>50</sup> O mês do *Ramadan* é o mês no qual os muçulmanos comemoram o recebimento da palavra de Deus, por meio das revelações dadas ao profeta (DEMANT, 2014). Embora o que fique mais

momento de confraternização que acolhia muçulmanos e a sociedade local. Importantes ações de solidariedade eram realizadas. Os laços entre os fiéis do Islã e a sociedade local eram intensificados nesse momento.

Melek Ozorpak<sup>51</sup> fala que mesmo com muitas restrições a caridade foi realizada em 2020 e 2021, bem como, as formas de integração com a comunidade senegalesa aconteceram por meio da troca de alimentos, já que o jantar coletivo não pode acontecer. Demba Sokhna<sup>52</sup> se entristece por não ser possível reunir a comunidade em um momento tão significativo para os muçulmanos. Também acredita que as formas de manutenção da caridade são a grande estratégia de manter o significado do *Ramadan*. E a caridade é a grande lição que os muçulmanos buscam ensinar sobre o Islã.

### **Considerações finais**

O Islã é a religião que mais cresce no mundo em número de fiéis. Essa expressividade numérica não corresponde a uma compreensão do fenômeno religioso, sobre o qual diferentes opiniões midiáticas se consolidam diariamente. As regiões que acolhem comunidades muçulmanas ainda têm muito a aprender sobre essa religião e suas práticas. Os migrantes muçulmanos abordados nesse artigo, vêm se dedicando a transmissão de sua fé; não na busca de novos fiéis, mas na tentativa de serem compreendidos em uma localidade marcada pelo catolicismo. Irmãos na fé e companheiros em uma trajetória migratória do século XXI, as comunidades turca e senegalesa se encontram em adaptação à cidade que as acolheu. Com expectativas econômicas diferenciadas, já que os turcos possuem mais experiência no mercado de trabalho brasileiro por terem vivido em São Paulo, buscam visibilidade de seus potenciais e contribuições para a localidade.

As falas dos entrevistados desse estudo, revelam que as dificuldades em ser muçulmano aumentam quando os habitantes da cidade não conhecem o Islã. Por isso, as comunidades senegalesas e turcas buscam ampliar a compreensão sobre a religião, no sentido de promover uma integração com a sociedade local. Uma das estratégias adotadas pelos migrantes é a prática da caridade (princípio norteador do Islã), promovendo uma evidência de que os muçulmanos professam a paz e a solidariedade.

---

evidente aos olhares não muçulmanos seja o jejum de qualquer alimento ou líquido (inclusive água), do nascer ao pôr do sol, os rituais e práticas que envolvem este momento tem o objetivo de purificação e conexão com Deus. Além disso, é um dos principais momentos de congregação entre os semelhantes de fé, visto que é um período de celebrações, visitas aos familiares, jantares (feitos após o fim do período do jejum) com a comunidade, nos quais a partilha e a solidariedade ficam evidentes.

<sup>51</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, junho de 2021.

<sup>52</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, maio de 2021.

Muitos aprendizados e trocas são observadas por meio desse Islã migrante. Crianças muçulmanas que passam a conhecer a história de Jesus (um profeta na tradição muçulmana) pela narrativa católica brasileira. Estudantes cristãos que passam a conhecer as diferentes formas de expressar a fé em Deus. Fatou<sup>53</sup> durante sua fala, em um momento de realce da experiência narrada, diz “Minha Nossa Senhora”! Um novo vocabulário se organiza por meio desse contato cultural.

Observa-se que, no caso de Caxias do Sul, existem trocas culturais entre dois grupos muçulmanos e o grupo cristão. Assim, as duas correntes muçulmanas migrantes se harmonizam para consolidar uma experiência religiosa que seja acessível aos diversos grupos cristãos locais. Cientes das crenças locais que associam o Islã ao terrorismo, buscam desconstruir essa imagem, por meio de eventos que evidenciam outras características da religião. Reconhecem o preconceito recebido, mas acreditam que ele pode ser desconstruído. Recorrentemente, observam que as pessoas não conhecem a palavra do Profeta, por isso, criam pensamentos equivocados. Também acreditam que Caxias do Sul acolhe os religiosamente distintos. As comunidades turcas e senegalesas elegeram a visibilidade como negociação de identidade. Não buscam anonimato, pelo contrário: querem compor as imagens da cidade. Uma localidade composta por mulheres de véus, homens de túnicas, orações sendo realizadas na praça central e uma vivência coletiva de fé e solidariedade, como tantas vezes repetem os entrevistados desse artigo.

Como são comunidades constituídas há poucos anos, os vínculos sociais ainda se constituem de forma instável e, muitas vezes, precária; tornando evidente a necessidade de constituição de estratégias para potencializar esses “elos” com a sociedade local. Pelo fato de o Islã não ser uma religião hierarquizada, os mediadores com a comunidade local são migrantes que conseguem estabelecer relações mais potentes com pessoas e/ou instituições da cidade. Os mediadores são responsáveis por promover estratégias de inserção da comunidade à sociedade local. Para Oro (2009), esses mediadores são “agentes religiosos”, verdadeiros empreendedores do projeto migratório e de legitimação das práticas religiosas.

Uma característica que pode ser observada em processos de transnacionalização do Islã é que as diferentes comunidades podem se tornar competitivas entre si com o objetivo de evidenciar “práticas muçulmanas mais legítimas”, aquele que se aproximaria mais dos ensinamentos do Profeta Muhammad e que corresponderia a um modelo mais ideal para se solidificar na localidade. No caso observado em Caxias do Sul, dadas as diferenças em expressões do número de indivíduos que compõe cada comunidade e o curto tempo de permanência na localidade, os grupos

---

<sup>53</sup> Entrevista realizada em Caxias do Sul, setembro de 2019.

não estabeleceram relações de competitividade. Ainda buscam harmonizar as experiências muçulmanas e consolidar uma identidade coletiva para suas práticas religiosas. As evidências constituídas nas práticas de caridade no *Ramadan*, por exemplo, possibilitam a visualização na manutenção da ideia da solidariedade entre os irmãos de fé, independentemente do país de origem e da cultura religiosa professada.

Desta forma, a presença das comunidades muçulmanas senegalesa e turca na cidade realçam uma das principais características do Islã: o Islã é único, embora tenha-se que ressaltar que ele não é convergente.

“O Islão nunca é igual em lado algum!” Cada época tem imagens e concretizações próprias sobre o Islão, que resultaram de determinada situação histórica, vividas e determinadas por forças sócio regionais e por comunidades muçulmanas, com conceitos previamente determinados ou reformulados por eruditos. Mas, ao mesmo tempo, há que se considerar o seguinte: no meio de todas as correntes e contracorrentes históricas e temporais em mutação, existe de facto algo de indelével nas diferentes imagens históricas em transformação e realizações vividas no Islão, (...) componentes e perspectivas basilares, que resultam de uma certa origem, não aleatória, mas determinada por uma personalidade histórica bem definida, por um texto sagrado. Como na história do Cristianismo, também no Islão existe, na verdade, algo que permanece, uma “essência”, uma “substância” comum, ou qualquer outra designação. (KÜNG, 2017. p. 55)

Küng (2017) descreve que o Islã é “a religião da fé”. Fé esta que, compartilhada em comunhão, constitui e dá forma para a *ummah* muçulmana, idealizada pelo profeta Muhammad. E, constitui uma comunidade de fieis que carregam diferenças evidentes desde os primeiros séculos da religião, mas que no fim, professam o mesmo testemunho de fé, compartilham rituais, práticas e dividem os mesmos princípios

religiosos básicos. Há diferenças de festejos, vestimentas, liturgia e interpretações da *Shari'ah*<sup>54</sup>, mas todos professam o mesmo.

Havia diferentes níveis de convicção individual, e diferenças em geral entre o Islã da cidade, do campo e do deserto. Havia uma gama de observância que ia do estudioso ou mercador devoto da cidade, que fazia as preces diárias e o jejum anual, capaz de pagar o *zakat* e fazer a peregrinação, até o beduíno comum, que não rezava regularmente nem jejuava no Ramadan, porque vivia toda a sua vida à beira da privação, não fazia a peregrinação, mas ainda assim professavam que só há um Deus e Maomé é seu Profeta. (HOURANI, 2006.p. 207)

Assim, ainda que incompreendido por grande parte da população local, práticas muçulmanas com características específicas está se organizando em diálogo com a sociedade local. É urgente que a compreensão do Islã seja potencializada para a acolhida desses migrantes.

### **Referências**

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e outros. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006/22849>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)*. Curitiba: Appris, 2019.
- AYOOB, Mohammed. *The many faces of political Islam: religion and politics in the Muslim world*. Michigan: University of Michigan Press, 2008.

---

<sup>54</sup> Vem da expressão em árabe para “caminho que leva às águas” e faz referência ao conjunto de condutas morais, cívicas e religiosas baseadas no Corão e na *Sunna*. Para maiores informações vide: COSTA, Jéssica Pereira da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos**: vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos. Caxias do Sul: EDUCS, 2020. Disponível em: <https://www.uces.br/educs/livro/o-islã-os-muçulmanos-e-seus-conceitos-vocabulario-de-conceitos-para-o-estudo-do-islã-e-dos-muçulmanos/>. Acesso em 15 jul. 2021

- DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. *Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações*. São Paulo: Paco Editorial, 2015.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. *Levados como areia: estudo antropológico sobre a comunidade mouride no Brasil*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: [file:///D:/Users/GATEWAY/Downloads/Maria do Carmo Gon%C3%A7alves Tes %20\(1\).pdf](file:///D:/Users/GATEWAY/Downloads/Maria%20do%20Carmo%20Gon%C3%A7alves%20(1).pdf). Acesso em: 18 jul. 2021.
- HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (org.). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Quatrilho Editorial, 2015.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- JUBILUT, Liliana Lyra. *O direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro*. São Paulo: Método, 2007.
- KÜNG, Hans. *Islão: Passado, Presente e Futuro*. Biblioteca Nacional de Portugal. Edições 70: Lisboa, 2017.
- LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. Senegaleses e Caravaggio: A relação entre muçulmanos e católicos na serra gaúcha através da ótica do jornal Pioneiro. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio; SANTOS, Rodrigo Luis dos (org.). *Migrações: religiões e espiritualidades*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 240-253.
- LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. Imigrantes senegaleses: a presença muçulmana na serra gaúcha. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - RIHGRGS*, Porto Alegre, n. 155, p. 185-209, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/86564/51342>. Acesso em 18 jul. 2021.
- MEREDITH, Martin. *O destino da África: cinco mil anos de riquezas, ganância e desafios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- ORO, Ari Pedro. Transnacionalização religiosa no Cone-Sul: uma comparação entre pentecostais e afro-religiosos. *Revista Debates do NER*, Porto Alegre, ano 10, n. 16, p.225-245, jul./dez., 2009.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas do Brasil. *Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 228-250, set./nov. 2005*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13467/15285>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.

---

TEDESCO, João Carlos. Apresentação. In: TEDESCO, João Carl (org.) *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. v. 2. Porto Alegre: EST Edições, 2019, p. 9-20.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Imigrantes senegaleses no Brasil e Direitos Humanos: vivências e oralidade. *Revista Africa(s)*. v. 3, n. 5, 2016.